

# A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO ÂMBITO ESCOLAR

Samuel Santos<sup>1</sup>

Joice Lima Santana<sup>2</sup>

André Luiz Ferreira Santana<sup>3</sup>

**GT 8** – Espaços educativos, currículo e formação de professores (saberes e práticas)

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as variações linguísticas e preconceito linguístico no meio escolar. A metodologia aplicada baseou-se em um estudo teórico, de caráter descritivo, pois segundo Cervo e Bervian (1996, p.49), observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Justifica-se a escolha do tema pelo fato de o mesmo ser de fundamental importância para a área da educação e, mais especificamente, no que tange à formação continuada do professor de língua portuguesa, considerando o trabalho com a variedade linguística, a qual gera, intoleravelmente, o gritante preconceito linguístico. Portanto, a prática investigativa veio reforçar e reafirmar que, mesmo havendo variação linguística, a problemática do preconceito linguístico é um entrave no aglomerado escolar.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Preconceito linguístico. Ambiente Escolar. Variantes.

## RESUME

The present article has as objective to analyze the linguistic variation and linguistic prejudice among school environment. The applied methodology was based in a theoretical study, of descriptive character, because according to Cervo and Bervian (1996, p.49), observes, registers, analyses and correlates facts and phenomenon (variables) without manipulate them. The choice of the theme is justified for the fact that itself be of fundamental importance to area of education, and more specifically, regarding the continued formation of the Portuguese language teacher, considering the work with the linguistic variety, which generates, intolerably, the stark linguistic preconception. Therefore, the investigative practice came to give make strong and reaffirm that, even there is linguistic variation, the problematic of the linguistic preconception is an obstacle in the school crowd.

**Key words:** Linguistic variation. Linguistic preconception. School Environment. Variables

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universidade Tiradentes (2011). Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdade Pio Décimo (2013). E-mail: samuca.samuel20@hotmail.com.

<sup>2</sup> Especialista em Língua Portuguesa e produção textual. Membro do grupo de pesquisa SEMINALIS (UFS). E-mail: joyce.lima@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professor de literatura brasileira no Amadeus e Master, idealizador de projetos de arte e cultura em torno da leitura. E-mail: litera2006@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar as variações linguísticas juntamente com os problemas ocorridos no meio educacional, através de embasamentos teóricos, tendo como ponto crucial a caracterização da variedade linguística, levando-se em consideração a teoria da sociolinguística para explicar como se efetiva o processo de variação na linguagem. Ainda assim, o trabalho teve como objetivos específicos verificar se os profissionais de língua portuguesa estão trabalhando de forma correta e eficiente para amenizar o preconceito linguístico, discutir se as variações linguísticas e seus devidos usos observar se os estudantes conseguem diferenciar as devidas oportunidades a serem usadas as variantes.

A sociolinguística tem como objeto de estudo a variação. Assim sendo, a mesma trabalha com a língua em seu sentido real, tendo como enfoque os fatores internos e externos da língua que provocam a variação implicando, dessa maneira, na mudança. De forma clara, a sociolinguística nasce com a perspectiva de estudar a variação, através do problema da transição, o qual consiste na tentativa de descobrir o que há entre uma sincronia e outra. Assim, Labov, Weireinch e Herzog contrariam a teoria saussuriana, a qual afirma que a língua é homogênea, autônoma e abstrata, logo, pela vertente estruturalista, a língua era vista somente pelo ângulo interno. A estrutura da sociolinguística está voltada para os aspectos socioculturais, levando em consideração os fatores os fatores internos (lexicais, sintáticos, morfológicos, semânticos. Sintáticos etc.) e externos (geografia, escolaridade, faixa etária, classe social, gênero, etc.). Com isso, a sociolinguística, encarrega-se de estudar a língua por uma vertente centrada na coexistência em concorrência (variação) e termos iguais, mas diferenciados lexicalmente (variantes).

Consideravelmente, justifica-se a escolha do tema pelo fato de o mesmo ser de fundamental para a área da educação e, mais especificamente, no que tange à formação continuada do professor de língua portuguesa, considerando o trabalho com a variedade linguística, a qual gera, intoleravelmente, o gritante preconceito linguístico. A metodologia aplicada baseou-se em um estudo teórico, de caráter descritivo, pois segundo Cervo e Bervian (1996, p.49), observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. O problema trabalhado teve como enfoque o preconceito linguístico no ambiente escolar.

A linha de pensamento será desenvolvida nesse artigo da seguinte maneira. Na primeira seção, serão apresentados o conceito de variação linguística e preconceito linguístico. Além também do termo variantes. Nas seções seguintes, serão discutidas a Contextualização Histórica da Sociolinguística, a língua como sistema heterogêneo e o preconceito linguístico escolar: discussão e soluções. E por fim, as considerações apontadas pela pesquisadora em relação à temática, dando resalva à significância impar do papel do professor no processo de amenização do preconceito linguístico na comunidade de fala.

## **2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

A sistematicidade da linguagem é buscada através da variação. Consideravelmente, as variantes estendidas como modos diferentes de dizer a mesma coisa – são conhecidas como estando em competição na língua, sendo que o favorecimento de uma sobre a outra ocorre devido a fatores linguísticos e extralinguísticos (contexto linguístico, classe social, faixa etária, sexo, nível de escolaridade, etc.).

Nas décadas de 1960 e 1970, os fatores extralinguísticos da linguagem foram por demais valorizados, mas, a partir de 1980, Labov postulou que o aspecto linguístico deveria ser privilegiado sobre o social.

A variação é reconhecida como existindo dentro do sistema linguístico. Assim sendo, a teoria recebeu reformulações diminuindo o peso do social para destacar as motivações essencialmente linguísticas.

De maneira notória, pode-se perceber que a variação linguística é facilmente detectada, pois para que ela ocorra é preciso que haja o favorecimento do ambiente linguístico. Assim, para que ocorra uma mudança linguística, todavia, é necessária a interferência de fatores sociais, refletindo as lutas pelo poder, o prestígio social entre classes, sexos e gerações. Mas para ocorrer a mudança, é necessário um período de variação entre as formas. Desta maneira, afirma COSTA (2012):

Etimologicamente, o termo variação vem do latim “variatione”, significando variedade, ato ou efeito de variar (se). Variar por sua vez significa tornar vário ou diverso, alterar, mudar. No dicionário do Câmara Jr., (1981 p. 239) variação é “Consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso.” Nesse sentido é que se define variação linguística como o fenômeno que envolve múltiplos e concomitantes

usos de formas com o mesmo significado linguístico, marcado por diferentes significados sociais, segundo o contexto em que ocorrem. Variação linguística ou diversidade linguística constituíram-se em objeto de estudo da Sociolinguística, desde as primeiras empreitadas em torno dessa nova área de estudo linguístico. Bright em 1964, no Congresso de Sociolinguística, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA) define o objeto da Sociolinguística como sendo a diversidade linguística, por considerar que “[...] o conceito chave da área torna-se razoável relacionar um conjunto mais importante de dimensões ao condicionamento da diversidade linguística”. (BRIGHT, 1974,). Admitindo a incompletude da caracterização dessa área até então e na tentativa de aproximar uma descrição dos estudos sociolinguísticos, Bright (1966) identifica as dimensões da sociolinguística ou fatores socialmente definidos com os quais supõe que a diversidade linguística esteja relacionada. Verifica, então, alguns fatores relacionados que podem diferir em diversos casos, mas reconhece três deles como os responsáveis pela maioria dos casos da diversidade que são as dimensões do emissor, do receptor e do contexto. (COSTA, 2012, P.5)

A variação estável consiste em diferenças linguísticas que caracterizam cada grupo social, cada cidade, região, cada canal (oral ou escrito). A variação está presente em todas as línguas num dado momento. Dessa forma, estudar a variação linguística, na perspectiva de analisar a mudança, favorece a ruptura com o preconceito linguístico, o qual é puramente alimentado pelas forças da gramática normativa.

Sendo assim, se faz preciso estudar alguns conceitos que são cruciais ao entendimento do foco de estudo da ciência linguística e, relevantemente, compreender como funciona o ramo sociolinguístico, que está voltado para o desbravamento da linguagem visualizando os aspectos sociais. Conceitos fundamentais:

- **Variedade linguística** é cada uma das modalidades em que a língua se apresenta. São as variedades mais prestigiadas e as variedades mais estigmatizadas, com amplo contínuo entre os dois extremos. São variedades técnicas ou profissionais, os jargões, o “juridiquês” (linguagem própria dos bacharéis em Direito), o economês (linguagem própria dos economistas). Ou seja, a linguagem técnica própria de cada grupo profissional. São variedades técnicas ou profissionais, os jargões, o juridiquês (linguagem própria dos bacharéis em Direito), o economês (linguagem própria dos economistas). Ou seja, a linguagem técnica própria de cada grupo profissional. É importante enfatizar que, do ponto de vista linguístico, não há uma variedade melhor, mais bonita, mais certa do que outra. E isso porque todas são igualmente organizadas

e atendem às necessidades dos grupos que as usam. Acontece que muitas vezes essa diferença em relação ao padrão se transforma em discriminação (como a maioria das diferenças em nossa sociedade) e as pessoas que falam de forma diferente se tornam alvo de preconceitos sociais.

- **Variante.** Não se deve confundir o termo variedade com variante. Para o conceito de variante, Dubois (1988) diz que, se duas unidades linguísticas (fonema ou morfema) figuram no mesmo ambiente (fonológico ou morfológico) e se elas podem ser substituídas uma pela outra, sem que haja uma diferença no sentido denotativo da palavra ou da frase, tem-se aí, variantes. Variante é a forma linguística (fonema, morfema, palavra ou regra sintática) utilizada na língua como alternativa a outra, com o mesmo valor e função. É um exemplo de variante as expressões *em que*, *na qual*, *onde*, para a frase “A sala *em que* nos reunimos”; “A sala *na qual* nos reunimos”; “A sala *onde* nos reunimos”.
- **Variável linguística** é uma unidade com ao menos duas formas variantes, cuja escolha depende de outros fatores, como sexo, idade, status social, grau de instrução etc. (Labov, 1966). É o elemento estrutural isolável; é um conjunto de manifestações do mesmo elemento, e cada uma das manifestações ou expressões de uma variável recebe o nome de variante linguística. A variável é um conjunto de variantes: “as meninas” x “as menina” / “nós vamos” x “nós vai” / “a casa que eu moro” X “a casa em que eu moro” / “assisti o filme” x “assisti ao filme” etc.
- **Língua culta X norma padrão.** De acordo com o Dicionário de Linguística de Dubois (1988), norma é um sistema de instruções que define o que deve ser escolhido entre os usos de uma dada língua se quiser conformar a um ideal estético ou sociocultural. Primeiramente, gostaríamos de esclarecer que a expressão (muito utilizada inclusive por linguistas) “língua padrão” é inadequada, já que, para a Sociolinguística, uma língua pressupõe falantes reais em uso efetivo da língua, enquanto a norma padrão é uma abstração, ou seja, um modelo de língua idealizado, que não existe na realidade, é apenas um ideal proposto (imposto) pela gramática normativa. Como bem defende Faraco (2004), “uma codificação taxonômica de formas assumidas como um modelo linguístico ideal”. Assim, a expressão adequada é norma padrão.

Outra expressão também utilizada erroneamente pelo senso comum e até mesmo por linguistas é “norma culta” como sinônimo de *norma padrão*. Língua culta, como é utilizada pelo projeto NURC10, é a linguagem dos falantes na área urbana, com escolaridade superior completa. Entretanto, essa língua culta não é a norma padrão. Alguns exemplos claros dessa diferença são vistos em diversas regências que a gramática normativa ensina de uma forma e os falantes cultos utilizam de outra, como é o caso dos verbos *ir*, *chegar* e *levar*, que de acordo com a gramática normativa, pedem a preposição “a”, mas que a maioria dos falantes cultos utiliza com a preposição *em*, ou seja, em qualquer região do país, a maioria dos falantes dizem que “vão no médico, no banheiro, no banco”; que “vão chegar no trabalho, em Brasília, em casa”; “que vão levar os filhos na escola, no cinema, no circo”. Evidenciando que a língua culta é diferente da norma-padrão.

De maneira considerável, é viável também mencionar outro aspecto que, claramente, é uma das problemáticas na vertente linguística: o preconceito linguístico. O trabalho com o ato comunicativo e, sobretudo, com variantes e variáveis na perspectiva da sociolinguística busca amenizar essa problemática, que, intoleravelmente, está embutida na esfera social, uma vez que a hegemonia da norma gramatical atrelada ao certo e errado é uma das grandes responsáveis por esse problema social.

Assim, afirma Bagno (1999):

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida à confusão que foi criada, no curso de história, entre *língua* e *gramática normativa*. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. A língua é u enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada *norma Culta*. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial( no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo resto da língua – afinal, a ponta do *iceberg* que emerge representa apenas um quinto de do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia gerada pelo preconceito linguístico. (BAGNO, 1999, pp.9-10).

Notoriamente, a tônica do preconceito linguístico está alicerçada nas entranhas da gramática normativa, logo, a ciência linguística busca uma diminuição nessa problemática, mas é perceptível grande resistência por parte dos profissionais de língua portuguesa, que encaram a normatividade gramatical como a perfeição da linguagem.

Com esse fato, se concretiza o desmerecimento da diversidade linguística, que é plural na esfera brasileira. Com isso, ressalta Bagno (1999):

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas à educação e à cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade linguística de nosso país* para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão. O reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não padrão. (BAGNO, 1999, pp.18-19).

Dessa forma, o respeito à diversidade linguística, de forma óbvia, é também o respeito à cultura de cada povo, levando em consideração a particularidade regional, e principalmente, o reconhecimento de que as línguas são heterogêneas e que o mais importante é a concretização da comunicação e usar a linguagem em seu leque contextual ou situacional.

## 2.1 VARIANTES E VARIÁVEIS

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entende-se por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. Assim, a concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística, pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca da concordância no verbo ou na ausência da marca de concordância.

O estudo das variantes, claramente, podem definir duas situações:

- a) a existência de estabilidade entre variantes;
- b) a competição entre as variantes com aumento do uso de uma das variantes.

Na perspectiva da ciência linguística e do campo sociolinguístico, a competição entre duas variantes refletem a variação, enquanto a competição entre ambas refletem a mudança em curso. Dessa forma, variantes e variáveis estão interligadas e, conseqüentemente, definem o panorama linguístico, mostrando que a língua é mutável e que acompanha os passos da modernidade. Destarte, ao observar o

momento atual de uma língua, é difícil dizer se um determinado fenômeno linguístico é um caso de variação ou estável ou mudança em curso.

Logo, para detectar e comprovar um desses fenômenos os sociolinguistas têm uma metodologia para dizer se uma forma está ou não vencendo outra mais antiga. É possível analisar o tempo real ou o tempo aparente. O tempo real é observado através da pesquisa de duas ou mais épocas, sendo ideal o estudo de momentos de que se distanciam no mínimo em 12 anos e no máximo em 50 anos. Ainda, o linguista pode gravar informantes e revistá-los anos mais tarde para ver como é o comportamento de determinadas variáveis, como concordância nominal, concordância verbal, uso de pronomes, pronúncia do /r/ final, etc. Pode também comparar gravações de entrevistas atuais com entrevistas dadas em rádio há várias décadas. Pode comparar dados de textos antigos, observar atlas linguísticos, estudar as descrições feitas por outros linguistas ou gramáticos.

Consideravelmente, uma variável é concebida como dependente no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupo de fatores de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

Vale ressaltar que o termo “variável” pode significar fenômeno em variação e grupo de fatores. Estes consistem em nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes. As variantes podem permanecer estáveis no sistema durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudanças, quando uma das formas desaparece. Neste caso, as formas substituem outra que deixam de ser usadas – momento em que se configura um fenômeno de mudança em progresso.

### **3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA SOCIOLINGUÍSTICA**

O advento da corrente sociolinguística variacionista vem à tona com a contestação do estruturalismo e do gerativismo, que de maneira clara não incluíam em suas análises a variação porque esta estava desvinculada do âmbito do objeto de estudo da ciência linguística, o qual deveria ser abstraído do caos da realidade do uso linguístico.



Como reflexo de insatisfação diante dos modelos existentes que afastavam o objeto da linguística da realização da língua e de suas diversas manifestações, vários linguistas procuraram outros caminhos. Um desses caminhos culminou com o surgimento da sociolinguística.

O termo “sociolinguística” surge pela primeira vez na década de 1950, mas se desenvolve como corrente nos Estados Unidos na década de 1960, tendo como foco crucial os trabalhos de Labov, como também os de Gumperz e Dell Hymes e a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, de William Bright, publicada em 1966 sob o título de *Sociolinguistics*. Na conferência, o autor afirma que o foco da sociolinguística está na demonstração de que existe uma sistemática covariação ente a estrutura linguística e a estrutura social. Assim sendo, a sociolinguística nasce para exteriorizar e para comprovar que a língua está em constante mudança e que fatores internos e externos favorecem essa variação.

Estudiosos da linguagem como Labov e Dell Hymes deram grande contribuição para o encaminhamento à sociolinguística, assim, afirma Martelotta (2008):

Dell Hymes (1997), como antropólogo, concebe a sociolinguística como um campo que inclui contribuição de várias disciplinas, como a sociologia, a linguística, a antropologia, a educação, a poética, o folclore e a psicologia. Enfatiza que, apesar de englobar tantas áreas, a sociolinguística é uma disciplina autônoma, pois seu objetivo final é diferente dos objetivos de cada uma das disciplinas citadas. Interessa-lhe identificar, descrever e interpretar as variáveis que interferem na variação e mudança linguística. Labov (tal qual Saussure) vê a linguística como uma ciência do social; dessa forma, a sociolinguística equivale à linguística com ênfase às variáveis de natureza extralinguística. Assim como a etnolinguística e a psicolinguística, a sociolinguística veio preencher um vazio deixado pelo gerativismo, que considera objetivo legítimo de estudo o aspecto interior das línguas e a competência linguística. (MARTELOTTA, 2008, pp.146-147).

Nota-se, assim, que a sociolinguística abrange uma diversificação de saberes para explicar os fatores que causam a variação linguística numa sociedade, que é marcada pelo preconceito linguístico e social e que, indiscutivelmente, desconsidera as entranhas culturais dos indivíduos desprovidos de uma cultura científica adquirida. Dessa forma, a sociolinguística em sua totalidade busca a valorização dos fatores internos e externos que provocam a variação linguística implicando na mudança. Consideravelmente, parafraseando Labov, a mudança linguística é impossível de ser

compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, uma vez que pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua.

Partindo do pressuposto mencionado acima, referente ao pensamento de Labov, afirma Coan e Freitag (2010):

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (também chamada Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana) tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. A língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. O domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos indivíduos. Nesse sentido, a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968] 2006, p.101). A língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade (é social). Entretanto, Labov discorda de Saussure, Chomsky e outros que insistem na homogeneidade necessária do objeto linguístico, que ignoram a heterogeneidade e que consideram a fala como caótica e desmotivada (FIGUEROA, 1996, p.77-78). Labov ([1972] 2008, p.259) crê que o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala. Esse argumento pode ser acoplado à rejeição da psicologia individual como um modelo de referência para a linguística, bem como rejeição do idioleto ou gramática individual como o objeto da linguística (FIGUEROA, 1996, p.79-80). De acordo com Labov (2000), todos os sociolinguistas concordam que produções e interpretações de um falante não são o lugar primário da investigação linguística nem as unidades finais da análise, mas os componentes usados para construir modelos de nosso objeto primário de interesse, a *comunidade de fala*. (COAN; FREITAG, 2010. P 175)

A sociolinguística é um ramo da linguística que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos socioculturais da produção linguística. Para essa corrente de estudo, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. Assim, um dos objetivos dessa vertente de estudo linguístico é compreender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável.

O estudo procura observar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início ou se completou uma trajetória que aponta para a mudança. É perceptível,

então, que a variação não é vista como um efeito do caso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por fatores extralinguísticos de vários tipos. Destarte, a variação ilustra o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática.

Consideravelmente, além de colaborar para a descrição e explicação de fenômenos linguísticos, a sociolinguística também fornece subsídios para a área de ensino das línguas. Os sociolinguistas postulam que os dialetos das classes desfavorecidas não são inferiores, insuficientes ou corrompidos. Com isso, afirmam que esses dialetos são estruturados com base em regras gramaticais, muitas das quais diferentes das regras do dialeto padrão. Assim, a sociolinguística cria nos professores uma visão menos preconceituosa e estimula-os a valorizar todos os dialetos, inserindo-os na perspectiva da comunicação voltada para a contextualização ou situação comunicativa.

#### **4 A LÍNGUA COMO SISTEMA HETEROGÊNEO**

Todo sistema linguístico encontra-se permanentemente sujeito à pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade. Esse princípio opera por meio da tensão de impulsos opostos, de tal modo que as línguas exibem inovações mantendo-se, contudo, coesas: de um lado, o impulso à variação e possivelmente à mudança; de outro lado, o impulso à convergência, base para a noção de comunidade linguística, caracterizada por paradigmas estruturais e estilísticos. Dessa forma, as línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de maneira a unidade em meio à heterogeneidade. Assim sendo, é perceptível que isso só é possível porque a dinâmica linguística é inerente e motivada. Destarte, prova-se com é equivocado o conceito estruturalista de variantes livres, ao ser demonstrado que a variação é arquitetada tendo como pressuposto as propriedades sistêmicas das línguas e se implementa porque é contextualizada com regularidade.

Logo, a variação linguística pode ocorrer nos patamares diatópico e diastrático. No primeiro, as alternâncias se apresentam regionalmente, levando-se em consideração os limites geográficos; no segundo leva-se em consideração os padrões sociais. Assim, no aspecto tradicional, concebe-se uma ecologia linguística do ponto de vista horizontal com a constituição de comunidades geográficas com base em mercados regionais; e do ponto de vista vertical, com a geração de padrões por meio de indicadores sociais.

Consideravelmente, a heterogeneidade da língua, caracterizada pelo estudo sociolinguístico, apresenta os seguintes padrões de variedade: “padrão culto”, “padrão popular” e “falar regional”. Percebe-se, então, que além de traços descontínuos, identificados nos polos rural e urbano, devem ser levados em conta recursos comunicativos próprios de discursos monitoradores e não monitoradores. Assim, a heterogeneidade da língua perpassa pelos diversos falares oriundos de aspectos linguísticos marcados pelos fatores internos e externos linguísticos, abrangendo traços sociais e culturais.

Desta forma, qualquer que seja o eixo, diatópico/ geográfico, diastrático/social, ou de outra ordem, a variação é contínua e, em nenhuma hipótese, é possível demarcarem-se nitidamente as fronteiras em que ela ocorre. É preferível, então, falar em tendências a empregos de formas alternantes motivadas simultaneamente por condicionamentos diversos.

## **5. A REALIDADE LINGUÍSTICA NA ESCOLA**

É sabido que qualquer língua existente está em sua plena mudança com o passar do tempo, é com ela vai surgindo novas formas de se comunicar. Mesmo assim, fica restrito um vocabulário que é posto como o único coerente para o pleno uso da linguagem.

A principal seguidora dessa imposição vocabular é a escola, porque logo com o início da alfabetização da criança, que ainda nem desenvolveu totalmente o seu modo de se expressar, já é ensinado formas de falar de acordo com a norma culta.

O modo pelo qual a criança iria se comunicar que seria a sua língua materna, será extinta, pois essa linguagem é vista como errada para a escola. O pecado cometido, pela escola, em querer modificar traços tão pessoais da criança, será que através desse meio de ensino, a criança não conseguirá perceber os vários tipos de linguagem, discriminando assim, a pessoa que não utilizar o mesmo vocabulário que o seu e, com isso, dará início ao preconceito linguístico.

O ato de comunicação entre aluno e professor tornou-se um fato de pouca intimidade (normalidade), pois situações onde é inibido os estudantes de se expressarem, acontecem e bloqueiam essa interação. Momentos lamentáveis como o citado, são gerados devido a falta de maturidade de professores, que têm em mente o autoritarismo juntamente com a deficiência em seus métodos de ensino.

A participação ativa do aluno, durante as aulas, não é só necessária como possui extrema importância no seu desenvolvimento intelectual. Isso leva a uma reflexão perante a atual situação educacional, pois é grande a carência de envolvimento comunicativo entre os estudantes e seus respectivos professores.

Em uma sociedade com diferentes níveis econômicos, é bastante a relevância aos discursos pertencentes às pessoas com um patamar financeiro elevado. Situação típica perante as aulas de português, onde em várias situações os alunos são inibidos de se expressarem verbalmente. O constrangimento sofrido por esses jovens, executados pelo próprio professor, apoia o que é imposto pela sociedade que só o professor é possuidor de uma linguagem perfeita (correta) para ser usada nas aulas, desconsiderando, com isso, a participação oral do estudante.

As crianças brasileiras falam o dia todo em português (e não em chinês, alemão etc.). Logo, sabem português. Os brasileiros cuja situação social e econômica não lhes permitiu que estudassem em muitos anos (às vezes, nenhum) falam o tempo todo. É claro, falarão como se fala nos lugares em que eles nascem e vivem, e não como se fala em outros lugares ou entre outro tipo de gente. Logo, falam seus dialetos. Logo, sabem falar. (POSSENTI, Sírio. 1995 ps. 29 e 30).

O nível econômico superior é tido como detentor não só de status, mas também pertence ao nível intelectual mais capacitado, pois possui mais meios e oportunidades de se adquirir o conhecimento. Esse favorecimento educacional existe devido as chances em que pessoas dessa classe estão aptas a vivenciarem, colocando-as assim, em favorecimento intelectual.

Mesmo existindo esse desigual acesso ao conhecimento, atitudes produtivas por parte dos professores podem ajudar ou minimizar essa situação. As metodologias a serem adotadas por esses profissionais em sala de aula podem ser responsáveis por melhoras nesse aspecto (oralidade) como também em vários outros.

O uso da linguagem, por parte dos estudantes, necessita de orientações sinalizadoras para o seu correto uso. Com isso, o papel do professor é de extrema importância para guiá-los, sobre como devem se expressar perante as diversas situações do cotidiano.

Não só os alunos, como também, grande parte das pessoas, têm em mente um mito bastante conhecido sobre o uso correto da linguagem. Esse mito ganha relevância devido à carência de conhecimento por parte dessas pessoas, que não receberam orientação necessária durante o seu meio educacional.

Os professores precisam trabalhar essa questão durante as aulas de língua portuguesa, o primeiro passo é informando aos alunos que não existe o falar certo, mas sim as várias situações em que irão adequar a linguagem a ser utilizada. Essas demonstrações na prática podem ser exercidas com apresentações de momentos diversos do dia a dia, desse modo, os alunos iriam apropriar a linguagem a cada tipo de situação apresentada. Logo, é notório que o aspecto oral em sala de aula possui um ângulo relevante e indispensável na prática do ensino perante e execução das aulas.

## **6 CONCLUSÃO**

Fica evidente que a variação linguística é um fato real na sociedade e, peculiarmente, em qualquer comunidade de fala. Assim sendo, o trabalho com a variação linguística e com a tônica do preconceito da linguagem, ainda é um entrave na comunidade escolar e social. Consideravelmente, a sociolinguística transita nesse campo com o intuito de mostrar que a diversidade de falares nasce a partir de fatores externos e que, de forma relevante, reflete em aspectos socioculturais.

A variação linguística no ambiente escolar, a qual é caracterizada pela diversificação de falares e, conseqüentemente, pela carência de conhecimento entre os alunos e falta de maturidade de alguns profissionais do ensino, acarretando na intolerância linguística e preconceito. Destarte, o trabalho com a amenização desse problema requer muita seriedade e total conhecimento dos professores de língua portuguesa da área linguística e sociolinguística, além também de englobar e desmistificar a ideia de certo ou errado, logo, não existe certo ou errado, existe sim, contexto ou situação comunicativa.

Portanto, a prática investigativa veio reforçar e reafirmar que mesmo havendo variação linguística, a problemática do preconceito linguístico é um entrave no aglomerado escolar, com isso, afirma-se que os estudantes necessitam de uma maior atenção aos ensinamentos linguísticos. Assim, atitudes preconceituosas já estão embutidas e alicerçadas na esfera escolar, uma vez que a própria normatividade e padrões adotados pelo sistema escolar já trabalham com a exclusão e com o preconceito.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo. Edições Loyola, 1999.

CERVO, A.R. BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica.** 5ª edição. São Paulo: Prentice Hall, 1996.

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística nos livros didáticos de língua portuguesa.** 2006. Disponível em: WWW.filologia.Org.br/ileel/artigos/artigos\_300.pdf. Acesso em 23 de outubro de 2012.

COSTA, Catarina de Sena Cerqueira Mendes da. **Variação/ Diversidade Linguística, oralidade e letramento: discussões e propostas alternativas para o ensino de língua portuguesa,** 2012. Disponível em: WWW.ileel.eifu.ler/anaisdosielp/pt/arquivos/Sielp2012/1438.pdf. Acesso em 23 de outubro de 2012.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológico e propostas de ensino,** 2010. Disponível em: WWW.seer.ufu.br/index.php/dominiodelinguagem/article/.../6863. Acesso em 24 de outubro de 2012.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística;** trad. Frederico Pessoa de Barros [et al]. SP: Cultrix, 1988.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo. Contexto. 2003.